

Normas, Representações Sociais e Práticas Corporais

Brigido Vizeu Camargo¹

Ana Maria Justo

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

Denise Jodelet

École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, França

Resumo

Utiliza-se neste estudo a teoria das representações sociais para compreender o pensamento social sobre corpo e comportamentos a ele relacionados. Participaram 443 universitários, homens e mulheres, da capital e interior de Santa Catarina. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário. Empregou-se análise categorial, estatística descritiva e relacional; e análise fatorial de correspondências. Os resultados sugerem: incongruência entre IMC e satisfação corporal; diferenças entre os sexos na satisfação corporal e práticas corporais; representação do corpo mais normatizada entre as mulheres mais jovens e mediação social para a avaliação da adequação do corpo; importância do mesmo para as relações interpessoais entre participantes mais jovens.

Palavras-chave: Representação social; Corpo; Normas sociais; Interação social.

Norms, Social Representations and Body Practices

Abstract

The social representations theory is used to comprehend the social thinking about the body and the behaviors related to it. In this research, 443 college students participated, men and women, from the capital and country side of Santa Catarina. A survey was used for gathering data, and categorical analyses, descriptive and relational statistics, and factorial correspondence analyses were used. The results suggest: inconsistency between Body Mass Index (BMI) and body satisfaction; differences between men and women on body satisfaction and body practices; a normalized body representation between younger women and social mediation in the evaluation of body adequacy; and the importance of the body for the younger participants' interpersonal relations.

Keywords: Social representation; Body; Social norms; Interpersonal interaction.

Além do seu caráter orgânico, o corpo humano é caracterizado pelas representações individuais e sociais a ele associadas. Resultado da interação de sua matéria genética com o ambiente sócio-cultural, o corpo humano constitui-se de hábitos que são impressos em sua matéria por códigos, símbolos e linguagens culturais compartilhados no meio em que vivem os indivíduos (Andrieu, 2006). Essa dinâmica se manifesta na forma como cada um usa, adoece, percebe, modifica, degrada e transforma o corpo. O mesmo não é inteiramente individual, nem estritamente social, mas resultado de uma construção simbólica e de uma invenção subjetiva segundo as percepções e as representações individuais e coletivas (Andrieu, 2006).

Jodelet (1994) ressalta a importância do estudo do corpo a partir da teoria das representações sociais, pois estas assumem um papel importante na elaboração de

maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados. Assim, a teoria das representações sociais pode contribuir com a compreensão deste objeto de estudo para além da dimensão individual e psicológica, considerando também, a dimensão social, incluindo normas e valores compartilhados por um grupo.

O conhecimento do senso comum é uma forma de saber que possui lógicas que operam com regras distintas das regras científicas (Grize, 2001; Moscovici, 2003; Rateau, 1995). As representações sociais (RS) são consideradas um objeto de estudo legítimo, devido a sua importância na vida social (Wachelke & Camargo, 2007). Elas são formas de conhecimento do mundo, construídas em interação social, a partir do agrupamento de conjuntos de significados que permitem dar sentido aos fatos novos ou desconhecidos, formando um saber compartilhado, geral e funcional para as pessoas, chamado também de senso comum (Jodelet, 1986; Moscovici, 1978; Vala, 2006). As RS são conhecimentos socialmente elaborados e partilhados, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma

¹ Endereço para correspondência: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil, CEP 88040-900. E-mail: brigido.camargo@yahoo.com.br

realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 2001; Rouquette, 2005). Elas orientam as relações sociais e as ações, implicam num sistema de pré-decodificação da realidade que irá determinar um conjunto de antecipações de idéias e de comportamentos que constituem o senso comum; e tem um papel importante na dinâmica das relações e nas práticas sociais (Abric, 1998).

Jodelet (1984) afirma que o corpo tem a particularidade de ser ao mesmo tempo privado e social, sendo que em parte, ele é objeto de uma experiência pessoal imediata, no qual no qual se inscreve a subjetividade (Pérez & Martínez, 2007). Por outro lado, é objeto de um pensamento social, regido por sistemas prescritivos, evidenciados nas cenas sociais. Desse modo, o corpo mostra-se um objeto privilegiado para se estudar a interação dos processos individuais e coletivos na formação das RS.

Se por um lado o corpo media as relações sociais, por outro lado também pode ser considerado como mediador do conhecimento que se tem de si mesmo e do outro, de modo que a percepção do indivíduo sobre sua imagem corporal constitui elemento fundamental para a compreensão das representações subjetivas do corpo (Jodelet, 1994). A imagem que se dá e a avaliação que se faz, tanto de si mesmo quanto das outras pessoas reflete um papel exercido pelo corpo. O corpo objetivo é percebido através do corpo subjetivo e essa experiência vem modificar a imagem corporal, a estima de si mesmo e a relação com o corpo do outro (Andrieu, 2006). Para Schilder (1999), a imagem corporal é a representação mental que um indivíduo tem do seu corpo. Tal representação integra os níveis físico, emocional e mental em cada ser humano, com respeito à percepção de próprio corpo. Banfield e McCabe (2002) procuraram estudar o modelo de imagem de corpo que é incorporado pela percepção: sua dimensão afetiva e cognitiva, e os comportamentos envolvidos; sempre num contexto histórico e cultural.

Em um estudo documental sobre as RS sobre o corpo na mídia impressa Goetz, Camargo, Bertoldo e Justo (2008) constataram que a este tipo de comunicação social evidencia modelos e padrões de beleza – com ênfase no corpo remodelado, produzido, jovem e “tecnológico”. Considerado pela mídia como um produto, o corpo é associado a padrões estéticos rígidos e medidas precisas, que enfatizam o magro, o jovem e o branco.

Num estudo clássico sobre as RS do corpo, Jodelet, Ohana, Bessis-Moñino e Dannenmüller (1982) definiram três grandes categorias relacionadas às suas representações. São elas: (a) a funcionalidade do corpo, mais compartilhada; (b) as considerações morais e (c) o narcisismo, relacionado ao hedonismo. Jodelet (1984) comparou as representações sociais do corpo em duas amostras

separadas temporalmente por 15 anos (uma em 1960 e outra em 1975) e observou que a primeira amostra representou o corpo em termos de um dualismo entre mente e corpo, resultado das restrições morais, físicas e sexuais. Já na segunda amostra, foi evidenciada uma modificação, o corpo passa a ser visto enquanto psíquico e produto social, mais livre para a expressão da vivência prazerosa e privada. Especificamente entre as mulheres, percebeu-se entre as amostras um declínio de noções materializadas sobre o corpo e um aumento de noções abstratas. Essa modificação é discutida pela autora como sendo um declínio da visão objetivada do corpo feminino associado à difusão das idéias feministas durante os anos 60 e 70, o que resultou na complexificação da representação do corpo entre as francesas.

Segundo Alferes (2006), a beleza física constitui um dos fatores ou atributos pessoais cuja influência, na gênese das relações interpessoais, tem sido sistematicamente investigada durante as duas últimas décadas. Outra questão bastante estudada refere-se à maior ou menor importância que a beleza física pode assumir em função do tipo de relação e dos objetivos e necessidades dos indivíduos nela envolvidos. O estudo de Camargo, Goetz, Barbará e Justo (2007) aponta que representação social de beleza mais compartilhada entre estudantes universitários relaciona-se à imposição de padrões ou regras socialmente estabelecidas. Os padrões sociais em relação à beleza corporal evidenciam prestígio, aceitação social e até sucesso social; e principalmente os mais jovens buscam atingir estes padrões associados ao corpo (Shohat & Stam, 1996).

O corpo é um objeto que interfere nas relações sociais e possui indicadores socialmente codificados; e a apreensão do outro é feita a partir de um filtro de normas sociais onde a apresentação, ou a imagem de si e do outro tem um papel privilegiado nas relações cotidianas (Jodelet, 1994). As teorias de senso comum sobre o corpo, além de repercutirem nas práticas corporais de cuidados com o corpo, interferem também no modo como a se dá a relação com o outro. Desse modo, o presente estudo objetiva investigar o pensamento social relacionado ao corpo a partir de quatro dimensões: (a) a satisfação e imagem corporal; (b) os comportamentos destes indivíduos em relação ao seu corpo; (c) normas sociais relacionadas ao corpo; (d) a forma como o corpo se apresenta relações interpessoais.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 443 universitários, 50,3% homens e 49,7% mulheres, com idade entre 18 e 58 anos ($\mu=28$ anos e três meses $DP=8,5$), estudantes dos cursos noturnos de Direito (54%) e Administração

(46%). Dentre eles, 49% são da região de Florianópolis e 51% do interior do estado de Santa Catarina. Todos os participantes da pesquisa foram voluntários e declararam consentir à participação do estudo, cientes dos seus procedimentos e objetivos.

Instrumento e Procedimentos

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário auto-aplicado, de forma coletiva, composto por uma combinação de questões fechadas e questões abertas. Além dos dados coletados para caracterização da amostra, o questionário continha: (a) questões acerca da percepção sobre o peso considerado ideal e sobre a satisfação corporal, (b) medidas antropométricas auto-atribuídas pelos participantes (para cálculo do Índice de Massa Corporal – IMC); (c) perguntas a respeito de práticas em relação ao corpo; (d) questões sobre a importância e significado do olhar do outro, comparação do corpo com o corpo do outro e sobre o controle da silhueta; (e) perguntas acerca da concepção do corpo frente às relações interpessoais.

Análise dos Dados

Para a análise das questões abertas, inicialmente realizou-se uma categorização baseada na análise de conteúdo das respostas (Bardin, 1977). Para a análise das questões fechadas e das categorizadas, foi utilizada a estatística descritiva e relacional, empregando o *software* SPSS 11.0. Realizou-se também análise fatorial de correspondências múltiplas (AFCM), com auxílio do *software* SPAD (Lebart & Salem, 1988; SPAD, 2008).

Resultados

Satisfação Corporal

A maioria dos participantes (64,10%) apresentou um IMC considerado o ideal pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os homens foram mais numerosos do que as mulheres em apresentar o IMC acima do ideal (respectivamente 49% e 15%), o que resultou numa associação estatisticamente significativa entre sexo e IMC com força média ($\chi^2= 63,47$; $p<0,01$; $V_{\text{Cramer}} = 0,29$). O

mesmo foi verificado quando comparados os mais jovens e aqueles acima de 25 anos em relação ao IMC, 75% dos primeiros apresentaram-se IMC normal enquanto entre os outros a proporção foi de 51% ($\chi^2= 37,52$; $p< 0,01$; $V_{\text{Cramer}} = 0,38$).

A maioria dos participantes declarou-se satisfeito com seu corpo (69,75%). Embora os participantes do sexo masculino apresentem maior índice de sobrepeso, observou-se uma maior proporção de mulheres insatisfeitas com o próprio corpo (21,80% contra 15,24%). Cerca da metade dos participantes (52,15%) consideraram-se dentro do peso ideal e quem não se considera dentro do peso ideal, na sua grande maioria (38,82%), afirmou estar acima do ideal. Entre as mulheres, 41% consideraram-se acima do peso ideal; embora apenas 15% estejam de fato com o IMC acima. Assim, constata-se que há uma incongruência entre o IMC e a percepção do próprio corpo, uma vez que um IMC saudável não implica na satisfação com o seu peso, principalmente para as mulheres. Por outro lado, a satisfação corporal não se apresentou associada com a faixa etária dos participantes; o que pode sugerir que o sobrepeso nos participantes menos jovens não implica na maior insatisfação desses com o próprio corpo.

Ao relacionar o IMC com a satisfação corporal verificaram-se diferenças estatisticamente significativas, pois entre aqueles que estão acima do peso há efetivamente uma proporção maior de insatisfeitos com seu corpo (38,50%) do que entre os que apresentaram IMC normal (12,90%). Esta associação apresentou uma força média ($\chi^2= 32,54$; $p<0,01$; $V_{\text{Cramer}} = 0,28$).

Foram criadas tipologias de satisfação com o próprio corpo em relação ao IMC e as mesmas foram relacionadas com o sexo dos participantes, conforme a Tabela 1. Observam-se diferenças importantes entre homens e mulheres. Entre os participantes que estão com peso normal e insatisfeito, a proporção de mulheres é maior (16,5% contra 1,5%); e entre os que estão com sobrepeso e satisfeitos a proporção de homens é comparativamente bem maior (32,5% contra 6%). Tal diferença é estatisticamente significativa e a força da relação é considerável.

Tabela 1
Tipologia de Satisfação/IMC em Relação ao Sexo

	<i>Peso normal e insatisfeito</i>	<i>Peso acima e insatisfeito</i>	<i>Peso normal e satisfeito</i>	<i>Peso acima e satisfeito</i>	Total
masculino	3 (1,50%)	31 (15,80%)	98 (50,00%)	64 (32,70%)	196 (100%)
feminino	30 (16,50%)	16 (8,80%)	125 (68,70%)	11 (6,00%)	182 (100%)
Total	33 (8,70%)	47 (12,40%)	223 (59,00%)	75 (19,80%)	378 (100%)

Nota. $\chi^2=67,17$; $p<0,001$; $V_{\text{Cramer}} = 0,42$.

A maioria dos participantes atribui ao modo de vida, e não a sua própria genética, o fato de terem o corpo que tem (73% contra 27%). Observa-se ainda que aqueles que estão acima do peso e insatisfeitos com o seu corpo são mais numerosos que os demais em considerar o estado atual do seu corpo justificado pelo seu modo de vida (91%) ($\chi^2=9,20$; $p<0,05$; $V_{\text{Cramer}}=0,16$); isto indica uma auto-responsabilização dos participantes, inclusive aqueles acima do peso, pelo estado do seu corpo.

Práticas Corporais

No que se refere à prática de dietas restritivas, 51% dos respondentes já fizeram ao menos uma vez. A associação entre sexo e prática de dietas alimentares é estatisticamente significativa ($\chi^2=51,53$; $p<0,01$; $C=0,32$), de modo que as mulheres aderem mais a esta prática.

Em relação à prática de exercícios físicos, 54,80% dos participantes não realizam e 20,10% o fazem regularmente. A prática de exercícios é menos freqüente entre as mulheres - 42,40% das mulheres são sedentárias, enquanto 28,70% dos homens mencionaram não praticar exercícios ($\chi^2=9,16$; $p<0,05$; $V_{\text{Cramer}}=0,14$). Dentre os motivos para a prática de exercícios, prazer e saúde foram os mais citados pelos participantes. Os motivos para praticar exercícios também são significativamente diferentes entre homens e mulheres ($\chi^2=13$; $p<0,05$; $V_{\text{Cramer}}=0,22$). Verificou-se que saúde associada à estética é o motivo que predomina entre as mulheres. Enquanto isso, entre os homens, os motivos associados à saúde, à perda de peso e ao prazer foram mais frequentes.

Quanto à cirurgia plástica com fins estéticos, 12,64% dos participantes relataram já ter realizado. Este tipo de cirurgia é mais freqüente nas mulheres (19,40%) do que entre os homens (5,90%) ($\chi^2=17,96$; $p<0,01$; $C=0,20$). O maior número de participantes que já realizou cirurgia plástica com fins estéticos declarou que o fizeram para melhorar a aparência ($n=19$), enquanto que os demais se dividem entre buscar a auto-estima ou bem-estar ($n=14$) e corrigir alguma parte específica do corpo ($n=14$), da qual não gostavam.

Já no que diz respeito a pretender realizar uma cirurgia plástica, 34,10% expressaram esta vontade. E a diferença entre homens e mulheres é significativa quanto a esta pretensão ($\chi^2=68,31$; $p<0,01$; $C=0,37$). Entre as mulheres, a maioria (53%) pretende realizar cirurgia com fim exclusivamente estético, enquanto que entre os homens, 15% pretendem realizar cirurgia com o mesmo fim. Observou-se também que 73% das pessoas que tem o peso normal e estão insatisfeitos com o seu corpo pretendem realizar cirurgia plástica estética e entre aqueles que estão acima do peso e insatisfeitos apenas 34% tem pretensão de realizá-la. ($\chi^2=31,15$; $p<0,001$; $V_{\text{Cramer}}=0,30$). Tais resultados sugerem que a cirurgia estética estaria mais relacionada a uma representação do seu corpo como desviante do padrão do que a um corpo real que está fora da norma de saúde; e este tipo de descompasso é mais característico entre as mulheres.

Entre os participantes que não pretendem realizar cirurgia, a opinião de homens e mulheres difere significativamente quanto aos motivos para não realizá-la (Tabela 2).

Tabela 2
Motivos para Não Realizar Cirurgia em Relação ao Sexo

	<i>Motivos para não realizar cirurgia</i>							Total
	Gosto do meu corpo	Não preciso de cirurgia	Aparência não é o mais importante	Prefiro outros métodos de manter a forma	Sou contra cirurgia	Medo/ Alto risco	Outras respostas	
masculino	70 42,20%	32 19,30%	16 9,60%	13 137,80%	19 11,40%	8 4,80%	8 4,80%	166 100%
feminino	26 28,90%	13 14,40%	13 14,40%	11 12,20%	4 4,40%	13 14,40%	10 11,10%	90 100%
Total	96 37,50%	45 17,58%	29 11,33%	24 9,37%	23 8,98%	21 8,20%	18 7,03%	256 100%

Nota. $\chi^2=18,97$; $p<0,01$; $V_{\text{Cramer}}=0,27$.

Como se pode observar na Tabela 2, as respostas dos homens concentram-se nas categorias *gosto do meu corpo* e *não preciso de cirurgia* (61,50%), já as respostas das mulheres foram mais distribuídas entre as categorias. Entre os homens, 11,40% são contra cirurgia e

somente 4,4% das mulheres declararam-se contra. Observa-se ainda, uma associação estatisticamente significativa entre já ter realizado cirurgia plástica e a pretensão de ser submetido ao procedimento ($\chi^2=50,09$; $p<0,01$; $C=0,32$), sugerindo que a experiência prévia

com este tipo de intervenção cirúrgica aumenta a probabilidade da realização de uma nova cirurgia. Entre as pessoas que já foram submetidas ao procedimento, 76,40% declarou que pretende realizá-lo novamente.

Normatização do Corpo

Acerca do controle do corpo e da silhueta, maioria dos participantes considera importante ensinar as crianças a controlarem seu corpo para ter uma silhueta ideal (69,80%), bem como uma parcela semelhante de participantes considera importante controlar seu próprio corpo para ter uma silhueta ideal (66,30%). Para as mulheres, a importância do controle é maior (74,54%) do que para os homens (58,30%) ($\chi^2=12,95$; $p<0,01$;

$C=0,17$). O controle do corpo é também mais importante para as pessoas que estão insatisfeitas com o seu corpo, especialmente para aquelas que tem o peso normal e estão insatisfeitas.

No que diz respeito à interferência das relações sociais nas normas relativas ao corpo, investigou-se: a importância dada ao que o outro pensa sobre sua aparência, o papel do olhar alheio e o comportamento de comparação social. No que diz respeito à importância dada ao que os outros pensam de sua aparência, os participantes se dividiram: 58,50% afirmam que dão importância e 41,50% declararam que não dão. Para todos eles perguntou-se o tipo de pessoa cuja opinião seria mais importante (Figura 1).

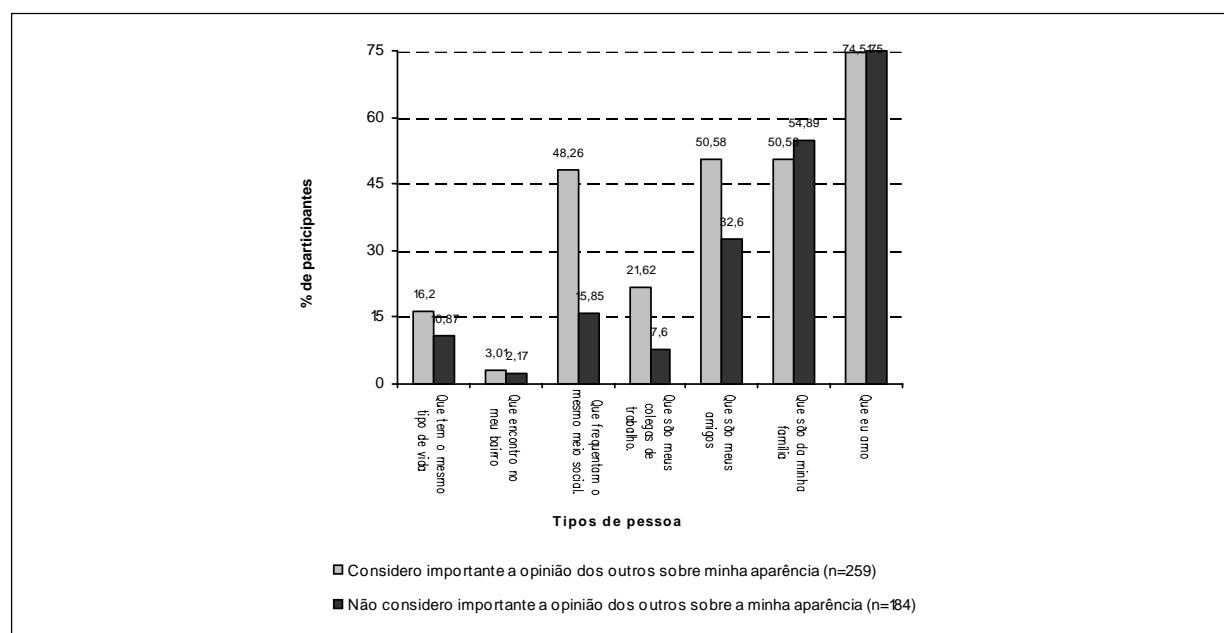


Figura 1. Pessoas cuja opinião sobre a sua aparência é ou seria mais importante.

Observa-se de maneira geral, conforme a Figura 1, que a importância da aparência é maior quanto mais próxima é a outra pessoa e, conseqüentemente, quando há maior envolvimento afetivo. Tal resultado independe da importância conferida à opinião do outro relatada pelos participantes. A opinião de familiares e pessoas que se ama é mais importante para a maioria dos participantes, enquanto a opinião de outras pessoas (amigos, colegas de trabalho e pessoas do bairro) é mais importante para aqueles com maior dependência da opinião alheia sobre sua aparência. A maioria das mulheres (66,36%) dá importância ao que os outros pensam, enquanto os homens estão divididos de maneira equivalente quanto a esta questão ($\chi^2= 11,23$; $p<0,01$; $C=0,16$). A importância dada ao que os outros pensam da sua aparência também apresentou associação com a faixa etária; entre os participantes mais jovens 63,79%

afirmou dar importância ao que os outros pensam da sua aparência, e entre os participantes acima de 25 anos, há uma divisão equivalente entre as respostas ($\chi^2=5,69$; $p<0,05$, $C=0,11$). Além disso, a importância dada ao que outra pessoa pensa é significativamente maior para quem está com o peso normal e insatisfeito com o seu corpo (78,80%) do que para aqueles que estão acima do peso e satisfeitos (40%) ($\chi^2=15,55$; $p<0,005$, $V_{\text{Cramer}}=0,20$).

Acerca de ser observado por outras pessoas 44,10% dos participantes afirmaram que o modo como os outros lhes olham traz alguma informação sobre o seu corpo. Tal percepção difere significativamente entre os sexos ($\chi^2=12,54$; $p<0,01$; $C= 0,16$); enquanto a maioria das mulheres concordou com este tipo de pensamento (52,51%), entre os homens uma menor parcela percebe o olhar das outras pessoas deste mesmo modo (35,7%).

Quando questionados se costumam comparar seu corpo ao de outras pessoas, 40,40% dos participantes afirmam que têm esse costume. As pessoas com o peso normal e insatisfeitas com o corpo são aquelas que mais costumam realizar esta comparação ($\chi^2=26,81$; $p<0,001$, $V_{\text{Cramer}}=0,27$).

O Corpo Frente às Relações Interpessoais

Ao encontrar alguém pela primeira vez, a metade dos participantes mencionou a aparência como o aspec-

to que lhe chama mais atenção, sendo que uma parte (28%) refere-se a características específicas da aparência, tais como rosto, olhar e sorriso, e a outra (23%) refere-se à aparência mais global da pessoa.

Dentre os 443 universitários que participaram da pesquisa, a maior parte (71%) considera que o aspecto físico de alguém não é importante para que você queira conhecê-lo. Conforme a Tabela 3, a importância dada ao aspecto físico para querer conhecer alguém está associada estatisticamente à faixa etária dos participantes ($\chi^2=10,79$; $p<0,01$; $C=0,16$).

Tabela 3

Importância do Aspecto Físico em Relação à Faixa Etária

		<i>O aspecto físico de alguém:</i>		<i>O aspecto físico de uma pessoa pode revelar algo sobre o que ela é ou sobre seu estado?</i>			
		<i>Não é importante para que você queira conhecer alguém</i>	<i>Pode levar você a não querer conhecê-lo</i>	<i>Total</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Total</i>
<i>Idade</i>	Mais jovens	147 (64,47%)	81 (35,53%)	228 (100%)	73 (32,30%)	153 (67,70%)	226 (100%)
	Menos jovens	163 (78,74%)	44 (21,26%)	207 (100%)	96 (45,90%)	113 (54,10%)	209 (100%)
	Total	310 (71,26%)	125 (28,73%)	435 (100%)	169 (38,90%)	266 (61,10%)	435 (100%)

Por outro lado, a maioria dos participantes considera que a aparência física pode revelar alguma coisa sobre uma pessoa. A faixa etária aparece relacionada à formação de impressões a partir do corpo ($\chi^2=8,49$; $p<0,01$ $C=0,14$). Os aspectos que podem ser revelados sobre uma pessoa através da sua aparência, segundo os participantes, são o seu modo de vida (90%), seu estado de saúde (68,05%) e sua a posição social (35,10%).

Quando questionados sobre o que levam em consideração para formar opinião sobre alguém, verifica-se que as respostas tendem a considerar prioritariamente dois aspectos, seriam as características subjetivas por um lado, e as características observáveis por outro. A categoria *caráter, personalidade e capacidades* foi a mais mencionada, com 33,58% das respostas, seguida por *comportamento* (24,57%) e o *modo como se expressa, idéias e opiniões* (20,19%). A diferença de respostas entre as faixas etárias foi estatisticamente significativa ($\chi^2=11,75$; $p<0,05$; $V_{\text{Cramer}}=0,17$). Os mais jovens levam em consideração o *modo como a pessoa se expressa, suas idéias e opiniões*, enquanto os menos jovens salientam que *é preciso conviver com a pessoa para que se possa formar a impressão*. As pessoas menos jovens formariam uma opinião de modo mais gradual, enquanto entre os mais jovens a opinião seria mais imediata. Em geral, observa-se que, se por um lado, ao encontrar alguém pela primeira vez a aparência é a

característica de maior destaque, quanto se fala em formar uma opinião sobre alguém a aparência foi raramente considerada, e o mais relatado foi o comportamento e as características subjetivas.

A maioria dos participantes afirmou que o corpo tem poderes (58,50%), em especial o poder de sedução e o poder de influenciar nas relações pessoais. Os poderes atribuídos ao corpo dizem respeito fundamentalmente à influência nas relações sociais, principalmente no sentido de o indivíduo ser beneficiado por tal mediação.

Uma AFCM foi realizada para fornecer uma visão global das relações das variáveis relativas ao corpo na interação social. Foram extraídos quatro fatores. O primeiro fator explica 70% da inércia total, enquanto que o segundo explica 22%. A Figura 2 representa o plano fatorial 1x2 que corresponde a 92% da inércia total.

O Fator 1 ilustra, à esquerda, as modalidades “o aspecto físico revela algo sobre o que a pessoa é ou sobre seu estado”, “a aparência pode levar a não querer conhecer alguém”, relacionadas aos participantes mais jovens e às mulheres. Em contraposição, à direita apresentam-se as modalidades “o corpo não possui poderes”, “o aspecto físico não revela algo sobre o que a pessoa é ou sobre seu estado”, mais características dos participantes menos jovens, dos homens e aqueles que estão acima do peso e satisfeitos com seu corpo. Tais resultados indicam que o corpo possui maior influência

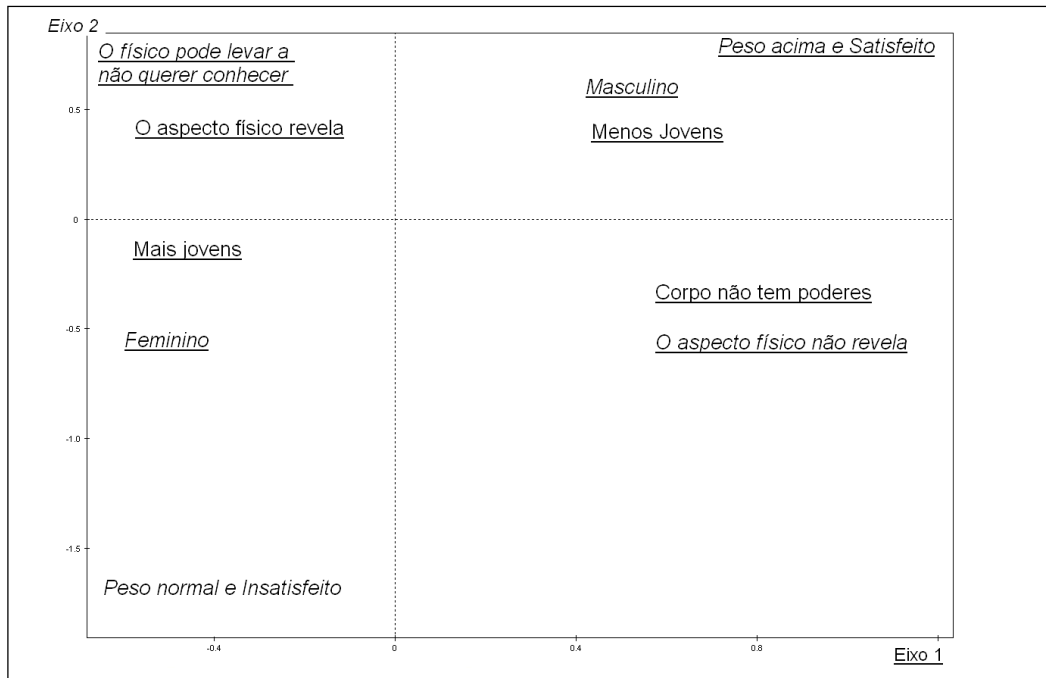


Figura 2. Representação gráfica dos resultados da AFCM (Fatores 1 e 2).

na interação social para os mais jovens e as mulheres; e que a importância da aparência é menor para aqueles que estão satisfeitos com o corpo e acima do peso, homens e acima de 25 anos.

No Fator 2, como uma particularidade, apresenta-se a modalidade “aspecto físico leva a não querer conhecer alguém”, que se aproxima dos homens, participantes acima do peso e satisfeitos, em oposição à modalidade “o aspecto físico não revela algo sobre o que a pessoa é ou seu estado”, associada às mulheres com peso normal e insatisfeitas com seu corpo. Neste fator evidenciou-se a importância da aparência na visão masculina.

Discussão

A partir dos dados analisados, observa-se uma diferença considerável entre homens e mulheres quanto a sua auto-imagem e satisfação corporal. Se por um lado, os homens, mesmo acima do peso considerado ideal pela OMS estão satisfeitos com seu corpo; entre as mulheres, muitas se declararam insatisfeitas com o corpo, considerando-o com peso acima do ideal, apesar de estarem com IMC saudável. Assim, constata-se diferença entre o padrão corporal estabelecido pela OMS e o padrão estético adotado pelos participantes, que é bastante distinto entre homens e mulheres.

A imagem corporal é uma representação mental que os indivíduos tem a respeito do tamanho e da forma do corpo, que se constitui também pela influência de fatores históricos, culturais, sociais (Davison & McCabe 2006). Castilho (2001) constata que há um estímulo

social maior às mulheres, que enfatiza o valor pessoal associado à atração física feminina e, conseqüentemente à imagem corporal. Desse modo, investindo mais na aparência, as mulheres se tornariam mais vulneráveis em relação a uma imagem corporal negativa e aos incômodos a ela relacionados. Swain (2001) considera que a diversidade corporal da população favorece o surgimento da insatisfação da imagem corporal, mesmo quando esta imagem está adequada à saúde; esta autora enfatiza o surgimento de uma “indústria do corpo”, que oferece soluções rápidas e milagrosas: prática compulsiva de exercícios, ingestão diária insuficiente de calorias, submissão às cirurgias plásticas desnecessárias, uso de laxantes e moderadores de apetite, implantes, próteses e enxertos, medicamentos desnecessários, prejudiciais, técnicas invasivas de rejuvenescimento, dentre outras. Entre os participantes mais velhos, embora estes apresentem um maior índice de sobrepeso, isso não implica num menor grau de satisfação com o próprio corpo; conforme Bertoldo (2008) a mudança da faixa etária implica numa modificação dos critérios de comparação, e os padrões de beleza adotados são sempre adequados à faixa etária do indivíduo.

As práticas corporais também diferem entre os sexos, e variam de acordo com a imagem corporal dos mesmos. Percebe-se que a representação do corpo pode ser evidenciada nas práticas que se tem em relação a ele. Quanto às práticas corporais características das mulheres, destacam-se a maior adesão a dietas e cirurgia plástica, apesar o fato de que a maior parte delas está no peso considerado saudável, resultado semelhan-

te ao de estudo anterior (Camargo et al., 2007). Além disso, a maior parte daqueles que já realizaram cirurgia, desejam realizar outras cirurgias; isto é justificado, conforme as respostas dos participantes, pela possibilidade em atingir rapidamente os padrões corporais estipulados socialmente, aumentar a auto-estima e alcançar a satisfação corporal.

Para Jodelet (1994), os modelos de pensamento produzem representações sociais, que ao serem compartilhadas socialmente, determinam os diferentes modos de sentir e relacionar-se com o próprio corpo. O estudo das práticas relativas ao corpo dos participantes pode elucidar uma dimensão da RS do corpo, a qual vai ao encontro de resultados anteriores (Camargo et al., 2007), a de que o corpo é associado à formação de impressão sobre alguém, uma espécie de “cartão de visitas”, sempre relacionado à norma, principalmente entre as mulheres. A dimensão social referente às práticas corporais ficou evidenciada no presente estudo; observou-se que os cuidados com corpo, além de apresentarem características e motivações voltadas para indivíduo e o seu próprio prazer, também se liga a expectativas voltadas ao meio social.

A aparência corporal é um elemento central na interação social e pode trazer benefícios ou prejuízos ao indivíduo (Alferes, 2006); e o corpo passa a ser utilizado pelos participantes como um instrumento facilitador do sucesso social. É saliente nas respostas dos participantes, a importância da aparência, principalmente para aqueles com quem se tem convivência mais próxima, fato também encontrado por Jodelet (1994), que ressalta a existência da dependência afetiva, ou seja, a necessidade da aceitação por parte do outro na construção da imagem de si mesmo.

No presente estudo, a atenção à imagem do próprio corpo através da mediação social é verificada principalmente entre as mulheres, seja pela comparação do próprio corpo com o corpo do outro, ou diretamente pelo olhar do outro e a impressão que este olhar ocasiona no indivíduo. Por estas duas maneiras, o meio social, de alguma forma estabelece padrões corporais e verifica se o indivíduo se enquadra nestes padrões. Conforme Jodelet (1994), a avaliação de um indivíduo ocorre essencialmente em função dos padrões definidos pelo seu grupo; e aí se evidenciam duas dimensões da RS do corpo: seu caráter moral (social) e hedonista (individual).

Evidenciou-se nos resultados apresentados uma distinção das representações e práticas sociais entre homens e mulheres, onde se verifica maior submissão às normas sociais por parte das mulheres. Historicamente, as mulheres são mais valorizadas em virtude da sua atratividade física, enquanto os homens possuem outras formas de obter sucesso social. Embora o momento atual envolva mudanças em relação aos papéis sociais

dos homens e mulheres, o ideal tradicional de beleza feminina ainda faz parte das representações das participantes desse estudo. Há um apelo da mídia ao culto de um corpo belo e dentro dos padrões (Goetz et al., 2008), voltado especialmente ao público jovem e feminino. “A mídia, sobretudo os jornais e a televisão, constitui-se em um grande vetor para a produção das representações sociais” (Camargo, 2003, p. 131). E assim cria modelos de beleza, absorvidos pela sociedade com padrão a ser copiado sem restrições (Tavares & Brasileiro, 2003).

Jodelet (1994) constatou que tanto os homens quanto as mulheres possuem exigências normativas quanto aos seus corpos. Entretanto, enquanto os homens são guiados mais por critérios pessoais, as mulheres estão mais susceptíveis ao julgamento de terceiros. O cuidado feminino com o corpo é para se adequar à norma, enquanto os homens buscam ampliar a consciência do seu corpo.

O corpo mostra-se como um objeto que se interpõe nas relações sociais, em especial na formação de impressões e na mediação das relações sociais. A formação de impressões é um fenômeno tradicionalmente estudado pela Psicologia Social. Caetano (2006) afirma que não é necessária muita informação para se formar uma impressão sobre alguém. A partir de pequenos indícios cria-se uma idéia global e coerente acerca das outras pessoas. Assim, a aparência mostra-se um elemento relevante na formação de impressões sobre alguém, já que foi considerada pelos participantes a característica que mais chama a atenção num primeiro encontro. Por outro lado, para formar uma opinião sobre alguém a aparência adquire menor importância, e os comportamentos e as características subjetivas são prevalentes.

Juntamente com a posição social, o modo de vida seria um indicador do grupo social ao qual o indivíduo pertence; e estas características foram identificadas pelos participantes como possíveis de serem indicadas pelo aspecto físico de uma pessoa. Tais resultados são concordantes com o com a observação de Jodelet (1994), de que a imagem externa do corpo aparece como um mediador do lugar social onde o indivíduo está inserido.

Quando comparadas as faixas etárias dos participantes, constatou-se que o aspecto físico interfere mais nas relações interpessoais entre os participantes mais jovens. Para os participantes acima de 25 anos o corpo e a sua aparência tem menos importância nas interações sociais. Alferes (2006) aponta para a maior ou menor importância que a beleza física pode assumir em função do tipo de relação e dos objetivos ou necessidades dos indivíduos nela envolvidos. Os jovens encontram-se numa etapa da vida onde a formação de novas redes sociais e o estabelecimento de vínculos afetivos implica na sua maior preocupação com a aparência física.

A partir deste estudo verificou-se que o corpo é pensado a partir de normas estéticas. A inclusão do indivíduo no padrão é realizada através mediação do outro, seja pelo julgamento ou pelo modelo que o outro propicia. Aqueles participantes que mesmo com o IMC saudável estão insatisfeitos com o próprio corpo, na maioria mulheres, são os mais submissos à normatização do corpo, apresentando maior dependência do outro na formação da imagem corporal, maior controle do corpo e maior adesão às práticas com o objetivo de adequar-se aos padrões estéticos vigentes. A insatisfação com o próprio corpo e a busca por intervenções invasivas, trazem riscos à saúde, e se relacionam mais com um padrão de corpo idealizado, disseminado especialmente pela mídia (Goetz et al., 2008), do que da própria percepção do corpo real dos participantes.

Referências

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia, GO: AB.
- Alfêres, V. R. (2006). Atração interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 125-158). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Andrieu, B. (2006). *Le dictionnaire du corps em sciences humaines e sociales*. Paris: CNRS Editions.
- Banfield, S. S., & McCabe, M. P. (2002). An evaluation of the construct of body image. *Adolescence*, 37(146), 373-393.
- Bardin, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: PUF.
- Bertoldo, R. B. (2008). *Viellissement féminin: comparaisons sociales sur l'apparence. Rapport de Maîtrise*. Unpublished manuscript, Institut De Psychologie, Université Paris 5 Rene Descartes.
- Caetano, A. (2006). Formação de impressões. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 89-123). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Camargo, B. V. (2003). A televisão como vetor de difusão de informações sobre a AIDS. In M. L. P. Coutinho, A. S. Lima, M. L. Fortunato, & F. B. Oliveira (Eds.), *Representações sociais: Abordagem interdisciplinar* (pp. 130-152). João Pessoa, PB: Editora Universitária.
- Camargo, B. V., Goetz, E. R., Barbará, A., & Justo, A. M. (2007). Representação social da beleza de estudantes de Educação Física e de Moda [Resumo]. In *Resumos de comunicações científicas online, V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Castilho, S. (2001). *A imagem corporal*. Santo André, SP: ESETEC.
- Davison, T. E., & McCabe, M. P. (2006). Adolescent body image and psychosocial functioning. *The Journal of Social Psychology*, 146(1), 15-30.
- Goetz, E. R. G., Camargo, B. V., Bertoldo R., & Justo, A. M. (2008). Representações sociais do corpo na mídia impressa. *Psicologia e Sociedade*, 20(2), 226-236.
- Grize, J.-B. (2001). Lógica natural e representações sociais (L. Ulup, Trad.). In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 123-137). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Jodelet, D. (1984). The representation of the body and its transformations. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations* (pp. 211-238). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Jodelet, D. (1986). *La representación social: fenómenos, concepto y teoria*. In S. Moscovici (Ed.), *Pensamiento y vida social*. (pp. 469-494). Barcelona, España: Paidós.
- Jodelet, D. (1994). Le corps, la persone et autrui. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie sociale des relations à autrui* (pp. 41-68). Paris: Nathan.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão (L. Ulup, Trad.). In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 187-203). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de representation du corps et groupes sociaux* (Tech. Rep. No. 1). Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Lebart, L., & Salem, A. (1988). *Analyse satastistique des données textuelles*. Paris: Dunod.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social* (P. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pérez, E. F., & Martínez, L. M. R. (2007). Corporalidad y uso de drogas: estudio de caso de la experiencia subjetiva del cuerpo. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 241-250.
- Rateau, P. (1995). Dimensions descriptives, fonctionnelle et evaluative des representations sociales – une etude exploratoire. *Papers on Social Representations*, 4, 133-147.
- Rouquette, M.-L. (2005). As representações sociais no quadro geral do pensamento social. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino, & S. M. Nóbrega (Eds.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 189-199). João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba.
- Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Shohat, E., & Stam, R. (1996). *Unthinking eurocentrism: Multiculturalism and the media* (pp. 322-327). New York: Routledge.
- SPAD (2008). *Guide de l'utilisateur*. Courvoise, France: Coheris SPAD.
- Swain, T. N. (2001). Feminismo e recortes do tempo presente: Mulheres em revistas femininas. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 67-81.
- Tavares, L. B., & Brasileiro, M. C. E. (2003). O espelho de narciso: O corpo belo representado por adolescentes. In *III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, Textos Completos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia do conhecimento. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (4. ed., pp. 335-384). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(3), 379-390.

Received 16/11/2009

Accepted 03/03/2010

Brigido Vizeu Camargo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Ana Maria Justo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Denise Jodelet. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, França.